

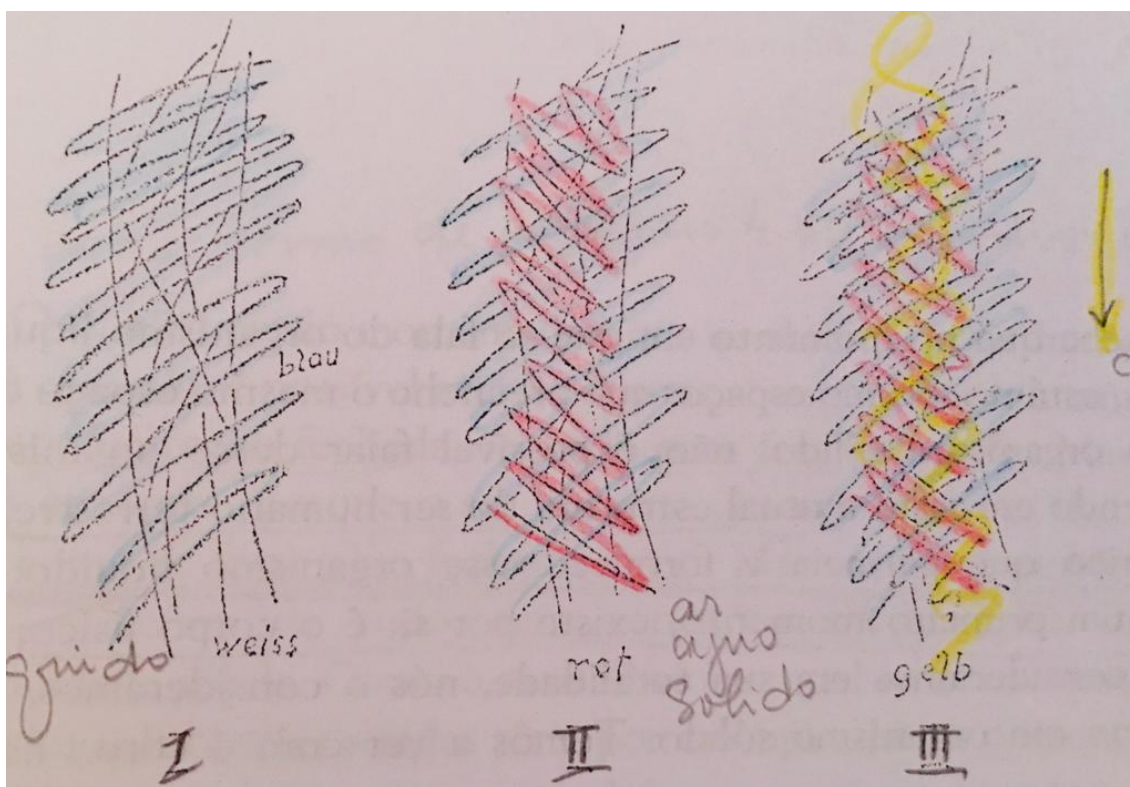
## Décima Conferência

Dornach, 17 de dezembro de 1920

Hoje, quero inserir uma consideração que talvez lhes possa parecer meio distante, mas que deve ser vista como uma consideração significativa inserida no curso das exposições que estamos fazendo agora. No decorrer do tempo reunimos os mais diversos elementos necessários para o conhecimento do ser humano. Agora estamos empenhados em, de um lado, introduzir o ser humano, passo a passo, na vida cósmica, e, do outro lado, na vida social. Para isso é necessário que hoje chamemos a atenção para algumas coisas que podem contribuir para a compreensão da entidade humana. Quando consideramos o ser humano no sentido da ciência natural, no fundo, observamos apenas uma parte desta entidade. Isto já se mostra no fato de que não se leva em consideração que o ser humano, além do seu corpo físico, ainda possui membros mais elevados de sua entidade. Mas hoje, num primeiro momento, vamos deixar isso de lado. Vamos considerar o que, de um lado, é mais ou menos reconhecido pelo empenho científico, mas que, do outro lado, também já se inseriu na consciência popular. Em verdade, observa-se o ser humano de tal maneira que apenas se considera como seu organismo aquilo de que se pode fazer alguma representação mental como sendo sólido ou sólido-líquido. É certo, considera-se o líquido e aeriforme como entrando e saindo do ser humano. Mas não se considera que eles mesmos possam ser uma parte do organismo humano. O calor que o ser humano tem em si, que tem uma temperatura mais elevada do que o seu entorno, é considerado como um estado do organismo

humano, mas não como um membro do organismo. Logo vamos ver com mais exatidão o que eu quis dizer com isso.

Quando se olha – já chamei sua atenção para isso – para o movimento ondeante do liquor cérebro-espinhal vê-se como, pela inspiração e expiração, ocorre um movimento oscilante regular, um movimento do liquor cérebro-espinhal de baixo para cima e de cima para baixo, como o liquor cérebro-espinhal é impelido para cima na inspiração e, de certa forma, bate no cérebro, e como desce novamente na expiração. Isto que acontece nas inclusões do puramente líquido do organismo humano não é considerado como pertencente ao próprio organismo. Imagina-se, mais ou menos, que o ser humano é construído, como organismo físico, daquilo que se encontra nele como substâncias mais ou menos sólidas ou, no máximo, como partes sólido-líquidas.



blau = azul, weiss = branco, rot = vermelho, gelb = amarelo  
Desenhando esquematicamente (veja desenho), imagina-se que o

ser humano é constituído das substâncias que são encontradas em estado mais ou menos sólido, as substâncias ósseas e assim por diante, portanto, imagina-se o ser humano como uma estrutura montada (branco). A outra parte, o que é líquido no ser humano como exemplifiquei com o liquor cérebro-espinhal, e o que é aeriforme, é considerada, na anatomia e na fisiologia, como não pertencente ao organismo humano. Diz-se: Ora, o ser humano inspira o ar que percorre certos caminhos nele e também tem certas tarefas. Ele é novamente expirado. Fala-se do estado calórico do ser humano, mas, no fundo, só se considera o sólido como elemento organizador, e não se vê que além da estrutura sólida, deve-se ver o ser humano todo como um líquido, digamos, inicialmente como uma coluna líquida (azul, 1), que o ser humano todo é impregnado de ar (vermelho, 2), e que ele tem, de cima para baixo, um certo estado calórico (amarelo, 3). Mas de uma observação mais exata resulta que, da mesma forma como se vê o sólido ou o sólido-líquido apenas como uma parte, um membro do organismo humano, também o que o ser humano tem em si, diretamente como líquido, não deve ser considerado como uma massa fluida sem importância, mas como um organismo, e que este organismo, ainda que flutuante, deve ser pensado como um organismo, e que este organismo, o líquido, tem o mesmo valor do organismo sólido.

Portanto, ao lado do ser humano de certo modo sólido, temos de considerar o homem líquido, e além disso temos de levar em consideração o homem-ar. Pois o que temos em nós como ar, quanto à sua articulação, em relação às partes, é, do mesmo modo, um organismo, como o organismo sólido é um organismo, só que é um organismo aeriforme em movimento. E finalmente, o que existe

em nós como calor não é um espaço de calor uniforme que se expande no ser humano, mas também se organiza em sutilezas como o organismo sólido, o organismo líquido, o organismo gasoso ou aeriforme. Porém logo se percebe que no momento em que se fala do organismo líquido que, de certa forma, está no mesmo espaço, que preenche o mesmo espaço que é preenchido pelo organismo sólido, não é possível falar desse organismo líquido sem que, tendo em vista a atual estrutura do ser humano terrestre, se fale do corpo etérico que permeia e fortalece esse organismo líquido. O organismo físico, num primeiro momento, existe por si, é o corpo físico; na medida em que o consideramos em sua totalidade, nós o consideramos, em primeiro lugar, como um organismo sólido. Temos a ver com o corpo físico propriamente dito.

Depois, em segundo lugar, observamos o organismo líquido que, evidentemente, não pode ser examinado da mesma maneira como o organismo sólido, não pode ser examinado usando-se o escalpelo, mas que deve ser compreendido como um organismo móvel em si, um organismo líquido. Não podemos considera-lo sem imagina-lo permeado pelo corpo etérico.

Em terceiro lugar temos o organismo aeriforme. Não podemos examina-lo sem considera-lo como permeado pelo corpo astral. E finalmente, em quarto lugar, o organismo calórico, totalmente diferenciado em si. Não podemos observa-lo sem imagina-lo permeado pela força do Eu. É assim que o ser humano terrestre é constituído atualmente.

O ser humano visto de outra maneira:

Organismo físico

Corpo físico

Temos portanto:

1. organismo sólido

Corpo físico

2. organismo líquido

Cetérico

3. organismo aeriforme

Corpo astral

4. organismo calórico

Eu

Uma conseqüência disso é que fica claro para nós: examinemos, por exemplo, o sangue. Na medida em que seu componente principal é essencialmente líquido, na medida em que este sangue pertence ao organismo líquido, ele é permeado pelo corpo etérico. Além disso, porém, temos no sangue o que, senão, só chamamos de estado calórico. Este, porém, é um organismo que de modo algum coincide com o organismo líquido do sangue. E se fossemos examiná-lo – e para tal, se este for o objetivo, podem, perfeitamente, existir métodos de pesquisa físicos –, resultaria que, ao simplesmente registrarmos os estados calóricos nas diferentes partes do organismo humano, não há uma coincidência com o organismo líquido ou qualquer outro organismo.

Ora, a partir do momento em que se observar o ser humano deste modo, se verá que não é possível ater-se apenas ao organismo humano. Este tem uma certa configuração fechada, fechada para fora pela pele. Mas isto também é apenas aparente, porque o ser humano observa o que se lhe apresenta como sólido como se fosse algo fechado em si. Mas o sólido também é diferenciado em si e, acima de tudo, tem conexões diferenciadas com o resto da corporalidade sólida. Como o mais óbvio ao qual se

deve atentar, temos que as diferentes substâncias sólidas têm, por exemplo, pesos diferenciados, e já deste fato podemos deduzir como o que há no organismo humano, pelo fato de ter pesos diferenciados, ter pesos específicos, de certo modo exerce pesos diferentes sobre o ser humano. Por este motivo, em relação ao seu organismo físico, o ser humano está relacionado com toda a Terra. Mas, de qualquer maneira, pelo menos na aparência externa, o organismo físico é espacialmente limitado.

O caso já é bem diferente no organismo que mencionamos em segundo lugar, que é permeado pelas forças do corpo etérico, o organismo líquido. Este organismo líquido tem a característica de já não poder mais ser separado tão rigorosamente do meio ambiente. O que é líquido, em qualquer espaço delimita-se com o líquido restante. E mesmo que, num primeiro momento, o líquido, como tal, só exista no mundo exterior de forma diluída, não há um limite tão rígido entre o líquido no interior do ser humano e o líquido que existe fora do ser humano, como no organismo sólido. De modo que somos levados, de certo modo, a ver de modo difuso os limites entre o líquido no interior do ser humano e o físico exterior.

Isto se torne mais nítido quando olhamos para o organismo aeriforme, que é permeado pelas forças do corpo astral. O que, em um determinado momento, temos em nós como ar, pouco antes estava fora de nós, e logo depois estará novamente fora de nós. Estamos em um constante interiorizar e exteriorizar do que é aeriforme em nós. De certo modo, só podemos considerar o ar que cerca a Terra e dizer: Ele penetra no nosso organismo e depois se retira novamente; mas ao penetrar em nosso organismo, ele passa a ser nosso organismo. Nisto que vem a ser nosso organismo aeriforme, temos um organismo que se forma continuamente a

partir da atmosfera, e retorna novamente a ela. De fato, a cada inspiração, assimilamos algo em nós, ou, ao menos, a assimilação é modificada a cada processo de inspiração. E, do mesmo modo, há uma dissolução, pelo menos parcial, em cada processo de expiração. Podemos dizer: De certo modo, nosso organismo aeriforme é transformado a cada respiração; não é que nasça de novo, mas é transformado tanto na inspiração como na expiração. Nesta última ele, evidentemente também não morre, ele apenas se modifica, porém ocorre uma contínua ação recíproca entre o que temos em nós como organismo aeriforme e o ar exterior. O que geralmente se leva em consideração no modo usual de ver o organismo humano, só é possível deste modo porque não se leva em consideração o fato de que o organismo aeriforme difere apenas em um pequeno grau do organismo sólido.

No nosso organismo calórico isto se mostra em um grau mais elevado. O fato de não se levar em consideração o organismo líquido, nem o organismo aeriforme, nem o organismo calórico, mas apenas o organismo sólido, reside no modo de ser materialista, mecânico. Mas não se adquire um conhecimento real do ser humano sem levar em consideração o ser humano articulado, constituído de um organismo calórico, um organismo aeriforme, um organismo líquido e um organismo terreno.

No organismo calórico vive principalmente o Eu. Poderíamos dizer que o próprio Eu é o organismo espiritual que, fortalecendo a partir de si o que temos em nós como calor, domina, configura; configura não apenas exteriormente na delimitação, mas configura estruturando interiormente. Não compreenderemos o anímico sem considerar este efeito direto do Eu sobre o calor. No ser humano o Eu é, em primeiro lugar, o que coloca em atividade a vontade, o que

Ihe proporciona os impulsos volitivos. Como é que o Eu proporciona impulsos volitivos? Já falamos, de um outro ponto de vista, como os impulsos volitivos estão ligados ao elemento telúrico, ao contrário dos impulsos dos pensamentos, dos impulsos da representação mental, que estão ligados ao extra-telúrico. Porém, sendo o Eu aquele que mantém unidos os impulsos da vontade, qual é, então, o caminho para levar os impulsos volitivos para dentro do organismo, para a entidade humana toda? Isto se dá, em primeiro lugar, porque a vontade atua no organismo calórico do ser humano (veja esquema mais adiante). Quando o Eu tem um impulso volitivo este age, inicialmente no organismo calórico. Naturalmente, sob as circunstâncias telúricas, não é possível que o que vou descrever agora exista numa realidade concreta. Assim mesmo, podemos considera-lo como algo que existe essencialmente no ser humano. Pode-se enfoca-lo não levando em conta que o organismo sólido se encontra no espaço delimitado pela pele humana. Vamos deixar de levar em consideração este organismo, assim como o organismo líquido e o organismo aeriforme. Sobra, então, o espaço preenchido de calor que, evidentemente, se comunica com o calor exterior. Mas o que age dentro do calor, que faz com que o calor se desloque em forma de correntes, que se movimente interiormente, é um organismo, é o Eu.

Quando olhamos o corpo astral humano, vemos que este tem em si todas as forças do sentimento, do sentir. As forças do sentir vivem no corpo astral de tal maneira que o corpo astral, por sua vez, leva as forças do sentir a um efeito físico naquilo que está fundamentado no ser humano como o organismo aéreo.

Portanto, poderíamos dizer: Assim como é, afinal, o ser humano como ser terrestre, o seu Eu, por meio do seu organismo

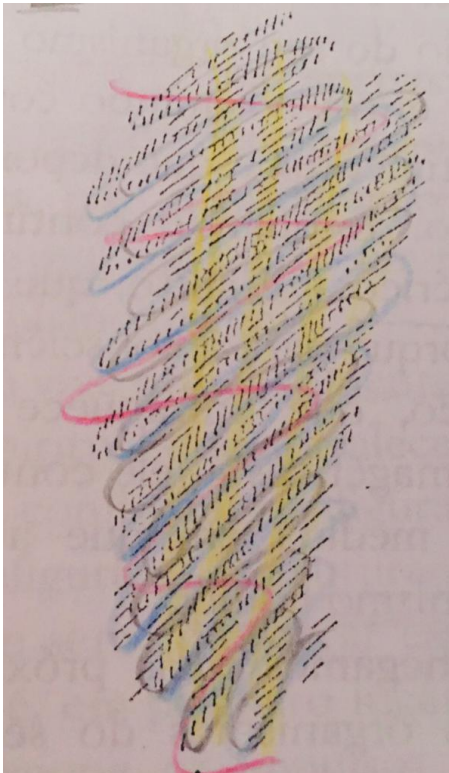


calórico, efetua o que se expressa quando o ser humano entra no mundo como ser volitivo. O que o corpo astral vivencia como sentimentos e que depois atua sobre o organismo terrestre, é o organismo aéreo. E quando continuamos, e chegamos ao organismo etérico, ao corpo etérico – é certo, que de início, de modo mais imagético do que consciente, porque para a consciência ainda deve ser levado em consideração o corpo físico, que enfraquece as imagens que são as representações mentais físicas, imagéticas –, ele contém em si a representação mental propriamente dita, na medida em que a representação mental é imagética; isto atua sobre o organismo líquido.

O senhores vêem que chegamos mais próximos ao anímico quando observamos, em especial, estes organismos do ser humano. A concepção materialista que permanece apenas na estrutura, que estabelece naturalmente que a água não pode ser organizada – mas ela é organizada no organismo –, tem de chegar a esta conclusão pela total incompreensão do anímico; porque o anímico está diretamente presente neste outro organismo. E o organismo sólido é, no fundo, apenas algo que, em verdade, forma o suporte para os outros organismos. Temos o organismo sólido como uma estrutura de sustentação constituída de ossos, músculos e assim por diante. Nessa estrutura de sustentação está inserido o organismo líquido, que é diferenciado em si e que, sem dúvida, é configurado em si, e neste organismo líquido vibra o corpo etérico, neste organismo líquido é que os pensamentos são gerados. Como é que eles se geram? Eles se geram porque neste organismo líquido se mostra uma determinada metamorfose, é o que conhecemos no mundo exterior como som.

Em verdade, o som é algo que, pode-se dizer-lo deste modo,

engana imensamente o modo de observar humano. Como seres humanos terrenos percebemos, em primeiro lugar, o som, de modo que o ar é o portador do som. Ora, mas o ar é apenas o mediador para esse som que, em verdade, tece no ar. E a pessoa que apenas vê a essência do som nas vibrações do ar é como uma pessoa que também diz: O ser humano tem apenas seu organismo físico, neste não vive nada de anímico. – É como se considerássemos apenas o organismo físico do ser humano e não víssemos nada de anímico dentro dele; é a mesma coisa como se considerássemos as vibrações do ar como sendo o essencial do som, quando, em verdade, são apenas sua expressão exterior. O que vive nelas como som é essencialmente um elemento etérico. E nosso som aéreo tem sua origem apenas no fato de que temos o ar permeado pelo etérico do som, que é a mesma coisa como o éter químico. E na medida em



que este éter permeia o ar, ele transmite ao ar o que vive nele, e para a nossa percepção surge o que chamamos de som. O éter do

som, que ao mesmo tempo é o éter químico, vive essencialmente no nosso organismo líquido – em outra ocasião falaremos com mais exatidão de todas essas coisas<sup>1</sup> – . De modo que podemos discernir o seguinte: temos o corpo etérico vivendo no nosso organismo líquido; mas, além disso, flui para dentro dele, vindo de todos os lados, o que fundamenta o som como éter do som. Peço-lhes, portanto, que distingam isso muito bem. Temos em nós o corpo etérico que trabalha e atua, produzindo pensamentos em nosso organismo líquido. Mas no nosso organismo líquido entra e sai constantemente o que podemos chamar de éter químico. Portanto, quando observamos o nosso organismo, temos um organismo etérico completo construído pelo éter químico, éter calórico, éter da luz, éter da vida, e além disso temos, de uma forma muito especial, o éter químico que entra e sai do corpo líquido.

O corpo astral que se expressa no sentir, vive por meio do organismo aéreo. Um outro tipo de éter, que permeia especialmente o ar, tem, por sua vez, uma afinidade especial com o organismo aéreo, é o éter da luz. Em cosmovisões mais antigas indicava-se o parentesco entre o ar físico em expansão e o éter da luz que o permeia. O éter da luz, que de certa forma é carregado justamente pelo ar, que, em verdade, é mais aparentado ao ar do que o som, também entra principalmente em nosso organismo aéreo, e fundamenta o que entra e sai no nosso organismo aéreo. Portanto, temos o nosso corpo astral que vivencia em si o sentir, que se mostra especialmente atuante no organismo aéreo e lá se choca

---

<sup>1</sup> O tema foi abordado novamente nas conferências de 18 de dezembro (vide 11ª conferência) e de 20 de dezembro de 1920 em “Das Wesen des Musikalischen und das Tonerlebnis im Menschen” (A essência do musical e a vivência do som no ser humano), GA 283; além disso em 1 de abril de 1922 em “Das Sonnenmysterium und das Mysterium von Tod und Auferstehung” (O mistério do Sol e o mistério da morte e da ressurreição), GA 211 e em 4 de dezembro de 1922 em “Geistige Zusammenhänge in der Gestaltung des menschlichen Organismus” (Relações espirituais na configuração do organismo humano), GA 218.

constantemente principalmente com o éter da luz.

E temos o Eu humano. Este Eu humano que atua por meio da vontade no éter calórico e está ligado ao calor exterior, ao éter calórico exterior que entra e sai.

Temos, portanto, as seguintes relações:

Eu	Vontade	Organismo calórico	Éter calórico
Corpo astral	Sentir	Organismo aéreo	Éter da luz
Corpo etérico	Representação mental	Organismo líquido	Eter químico

Agora considerem o seguinte: o corpo etérico permanece em nós também quando dormimos, do adormecer até o acordar. Do adormecer até o acordar também há, no interior, a constante interação do éter químico com o corpo etérico por meio do organismo líquido. No corpo astral, com o sentir, a coisa já é bem diferente. Do adormecer até o acordar o corpo astral está fora do organismo humano; aí o corpo astral, com o sentir, não tem efeito sobre o organismo aéreo, mas o organismo aéreo, do qual já falamos que está ligado a todo o meio-ambiente, é sustentado pelo lado de fora. E o próprio ser humano, na medida em que nele existe o corpo astral com o sentir, sai do corpo físico, portanto, está fora do corpo humano, e, por isso, entra no mundo com o qual ele se relaciona por meio do éter da luz. Do adormecer ao acordar o ser humano vive dentro, diretamente dentro daquilo que, em relação ao

corpo astral, Ihe é transmitido pelo organismo aéreo durante a vigília. De modo análogo, isto acontece com o Eu e o organismo calórico.

Os senhores podem ver, depois do que foi dito, que só se adquire uma compreensão das relações do ser humano com o meio ambiente quando realmente se entende esta articulação do ser humano que, em verdade, não é levada em consideração pelo modo comum, mecânico de observar. Tudo se permeia no ser humano, e pelo fato de o Eu estar no organismo calórico, e do Eu também permear os organismos aéreo, líquido e sólido, ele, justamente, também os permeia com o organismo calórico, que então vive em tudo. Portanto, o organismo calórico vive no organismo aéreo, o organismo calórico permeado pela força do Eu também vive no organismo líquido.

É este o caminho como, por exemplo, devemos procurar a forma de atuação do Eu na circulação sangüínea. O modo de atuar do Eu na circulação sangüínea se dá de tal modo que o Eu atua sobre a circulação sangüínea fazendo o desvio pelo organismo calórico Neste caso o Eu atua como sendo a entidade que, de certo modo, manda a vontade para baixo a partir do calor, pelo ar, e para dentro do líquido. No organismo tudo interage dessa maneira. Mas não adquiriremos uma compreensão tendo apenas as representações mentais abstratas, generalizadas, da atuação recíproca, porém só obteremos uma compreensão se conseguirmos imaginar concretamente como o ser humano é estruturado, como tudo que está ao seu redor participa do seu organismo.

Também só chegaremos a compreender o estado de sono se enfocarmos essas coisas com mais exatidão. Considerem que no estado de sono só o corpo físico e o corpo etérico estão realmente

presentes como no estado de vigília; o Eu e o corpo astral estão fora. De modo que, quando o ser humano está dormindo, só estão presentes os corpos físico e etérico, só pode atuar nele, assim como no organismo aéreo e no organismo calórico, o que é inerente ao corpo físico e ao corpo etérico. No organismo desperto podemos ver, do que já foi dito, a ligação entre o Eu, o corpo astral e o organismo todo. No sono, quando o Eu e o corpo astral estão fora temos, apesar disso, os quatro elementos do organismo humano: a sólida estrutura sustentadora, o organismo líquido, mas também o organismo aéreo, por intermédio do qual atua o corpo astral, e o organismo calórico, por intermédio do qual atua o Eu. Temo-los dentro de nós e eles atuam organizadamente, assim como no estado de vigília existe a atuação organizadora do Eu e do corpo astral. No nosso estado de sono temos em nós, no lugar do Eu que está fora, o espírito que, senão, permeia o cosmo, que, quando despertamos, desalojamos por meio do nosso Eu, que é uma parte dele. Portanto, temos o nosso corpo calórico permeado pelo espírito cósmico, temos o nosso organismo aéreo permeado pelo que podemos chamar de alma cósmica, astralidade cósmica, que expulsamos quando estamos despertados. De modo que, agora, também podemos observar os estados de vigília e de sono a partir deste ponto de vista. Durante o sono, o nosso organismo calórico é atravessado pela espiritualidade cósmica que, ao despertarmos, expulsamos por meio do Eu, que é uma parte dela, pois do acordar ao adormecer ele cuida do que, senão, é executado pela espiritualidade cósmica no organismo calórico. O mesmo acontece com a astralidade cósmica que expulsamos quando acordamos, dando-lhe novamente a possibilidade de atuar no nosso organismo quando adormecemos. Portanto podemos dizer o seguinte: Quando

abandonamos nosso corpo, ao adormecer, deixamos o espírito cósmico entrar em nosso organismo calórico, e deixamos a alma cósmica, a astralidade cósmica entrar em nosso organismo aéreo.

Realmente é possível chegar a uma compreensão da relação do ser humano não apenas com o mundo físico ao seu redor, mas sendo imparcial na observação do ser humano, também se consegue entender como ele tem uma relação com a espiritualidade cósmica e com a alma cósmica, a astralidade cósmica. Ao acordar, de certo modo o Eu e o corpo astral entram no organismo humano; eles expulsam a espiritualidade cósmica e a alma cósmica, a astralidade cósmica.

Este é o fato visto por um lado. Podemos observá-lo, agora, pelo lado cognitivo, e os senhores verão como as duas considerações irão se juntar. Via-de-regra parte-se do pressuposto de que apenas chamamos de conhecimento aquilo que, do acordar ao adormecer, vivenciamos cognitivamente por meio da percepção, pela elaboração conceitual da percepção. Em verdade, é apenas por este caminho que conhecemos o entorno físico do ser humano. Certamente, ao procedermos de modo científico-espiritual e não nos deixarmos levar por coisas fantásticas, não vamos, de imediato, ver algo de essencial nas imagens oníricas, não vamos buscar um conhecimento nos sonhos assim como o buscamos na representação mental desperta e na percepção. Mas, de uma certa forma inferior, o sonho é um conhecimento. Trata-se de uma forma especial de autoconhecimento físico. A grosso modo, já é possível ver como o ser humano sonha, de certa maneira, as condições interiores quando, digamos, se acorda depois de ter sonhado com um forno quente cujo calor teve que ser suportado e, ao acordar, sente-se um calor interior ou algo análogo. Em geral, os sonhos têm

uma configuração bem determinada. Sonha-se com cobras quando alguma coisa não está em ordem nos intestinos. Sonha-se com quaisquer grutas em que é preciso esconder-se quando se está com dor de cabeça, e assim por diante. Mas o sonho indica, de uma forma nebulosa, para a vida orgânica interior do ser humano, e podemos falar de um conhecimento inferior da vida onírica. Isso pode intensificar-se quando, em pessoas especialmente sensíveis, ocorrem nos sonhos espelhamentos muito exatos do organismo. Via-de-regra acreditamos que no sono profundo, no sono sem sonhos, não reconhecemos nada. Consideramos o sono sem sonhos insignificante para o conhecimento. Mas não é assim. Ele tem sua função cognitiva, só que é individual, pessoal, para o ser humano. Se não pudéssemos dormir, se nossa vida não fosse constantemente interrompida pelo sono, não conseguiríamos chegar a uma representação mental nítida do Eu, a uma vida interior nítida. Vivenciaríamos continuamente o exterior, e nele nos perderíamos totalmente. As pessoas só não dão a devida importância a isto porque não se habituaram a focar as coisas que vivenciam anímica e organicamente de modo realmente isento. Olhamos para trás; seguimos as imagens das nossas vivências até o ponto ao qual chegam as nossas lembranças. Mas toda esta corrente de manifestações é interrompida constantemente, a cada noite, pelo sono. Ele é desconsiderado quando nos lembramos do passado. Não nos damos conta de que, no fluxo de suas lembranças, o ser humano é constantemente interrompido pelo sono. O fato de ele ser interrompido faz com que nós, se bem que inconscientemente, além de avistarmos um campo preenchido, também avistamos um nada. Se tivermos aqui um campo branco, e no meio preto, enxergamos o branco e no centro o preto [desenho



em lousa preta], que em relação ao branco é nada. No momento não nos importa que isto não esteja muito correto. Enxergamos a área preta, vemos que algo não foi preenchido pela cobertura branca, mas isto também é uma impressão positiva, mesmo que não seja uma impressão

Tafel 16



que coincida com as impressões do campo branco. O campo preto também é uma impressão positiva. De modo que, quando fazemos uma retrospectiva e nela não entra nada daquele espaço de tempo em que dormimos, isto também é uma vivência positiva. Trata-se de uma vivência positiva quando olhamos retrospectivamente, e nessa retrospectiva sempre entra um “nada” que representa aquele espaço de tempo que passamos dormindo. Aquilo que experimentamos ao dormir também se encontra na retrospectiva, só que, num primeiro momento, não está na consciência, pois esta só se orienta pelas imagens da vida vígil que permanecem. Mas essa consciência se fixa interiormente, porque no campo de visão interior, que olha para trás, também há espaços vazios; nossa consciência resulta deste fato, na medida em que ela é, justamente, interior. Nós nos perderíamos totalmente no mundo exterior se permanecêssemos constantemente despertos, se a vigília não fosse constantemente interrompida pelo sono. Temos uma consciência interior de nós mesmos por meio do sono isento de

sonhos. Mas enquanto o nosso sono repleto de sonhos nos espelha certas particularidades em forma de imagens caóticas, o sono sem sonhos nos dá a consciência da nossa integralidade humana como organismo, portanto também nos dá um conhecimento. Podemos dizer o seguinte: Por meio da consciência desperta percebemos o mundo exterior. Por meio dos sonhos percebemos, evidentemente de modo crepuscular e difuso, particularidades dos nossos estados orgânicos interiores. Por meio do nosso sono sem sonhos temos conhecimento, evidentemente de modo indistinto e escuro, de todo o nosso organismo, mas, por meio do sono, sabemos da integralidade do nosso organismo. Portanto, de certo modo, já temos três etapas cognitivas: o sono, o sono permeado de sonhos e a vigília.

Depois chegamos aos três estados superiores, os da Imaginação, da Inspiração e da Intuição. Estes são, por sua vez, os estados superiores que estão acima da consciência desperta, que, por isso, também vão se tornando mais claros, que, como estados de consciência, também nos transmitem conhecimentos cada vez mais claros enquanto nós, ao descermos abaixo da consciência comum, chegamos aos conhecimentos caóticos, mas que, sem dúvida, são necessários para a vivência comum.

Vejam, é dessa forma que as coisas se apresentam no campo da consciência. Não podemos dizer que apenas temos em nós a consciência vígil comum, como também não podemos dizer que apenas temos o organismo sólido comum. De fato, temos de dizer que temos o organismo sólido como algo que está nitidamente delimitado no espaço, de modo que, ao pensarmos de modo materialista, o compreendemos como sendo o organismo humano. Temos de pensar que a consciência comum se apresenta de forma

clara, que temos suas representações mentais com contornos definidos. Mas não podemos pensar que possuímos apenas o corpo sólido, nem que apenas temos a consciência diurna, mas, sim, que temos o corpo sólido impregnado pelo corpo líquido que tem em si uma organização indistinta flutuante, e temos, por sua vez, a consciência diurna clara, nítida, impregnada pela consciência onírica, a qual não tem as imagens com contornos nítidos e sim com contornos difusos onde, de certo modo, a vida da consciência se torna líquida. E além do organismo líquido temos o organismo aéreo que, quando estamos dormindo, é até mesmo suprido por outra coisa e não por nós, que, em verdade, só será parcial, passageiramente ligado ao nosso anímico no estado de vigília; mas temos isso em nós como um organismo especial. Temos mais uma terceira consciência, uma consciência obscurecida, a consciência de sono sem sonhos na qual as representações mentais não só desvanecem, mas elas se apagam em escuridão interior, onde, portanto, a consciência, de certa forma, deixa de ser vivenciada interiormente por nós como estado consciente, do mesmo modo como, em determinadas circunstâncias, quando dormimos, deixamos de vivenciar o corpo aeriforme.

Corpo calórico

Eu anímico

Corpo aéreo

Consciência de sonho ↓

Corpo líquido

Consciência de sono

Corpo sólido

////////////////////

Tafel 16

Wärmeleib	Jch seelisch	"4
CufHeib	Traumbevusstse'm	
Aü\$\$ Leib	fbevusstsein	↓
Fester Leib		

Os senhores vêem que tanto faz observarmos o ser humano interior ou exteriormente para chegarmos a considerações cada vez mais amplas sobre a entidade humana. Partindo do corpo sólido, seguindo para o corpo líquido, para o corpo aéreo, para o corpo calórico, acabamos entrando no anímico. Partindo da consciência diurna clara, seguindo para a consciência onírica, acabamos entrando no corpo. E entraremos mais profundamente no corpo físico sabendo-nos dentro dele por meio da consciência de sono, observando a consciência do ser humano quanto aos membros da sua consciência, chegaremos na corporalidade. Quando observamos a própria corporalidade, do seu estado sólido até o estado calórico, acabamos saindo da corporalidade. Isso os leva à necessidade de, em primeiro lugar, não aceitarem simplesmente o que se apresenta inicialmente à observação exterior parcial. Nesta temos, de um lado, o corpo sólido ao qual nos prendemos pela forma de ver materialista, mecânica; e do outro lado temos o anímico que, em verdade, dá a impressão à consciência moderna de que ele é pleno de conteúdo apenas na vida diurna clara. Não se vai abaixo dessa consciência (Eu), pois descendo, chega-se ao corpo. Não se vai abaixo do corpo espiritual (corpo calórico), pois descendo, chega-se ao corpo sólido. Porém

observamos os dois, que não pertencem um ao outro: o corpo sólido sem os corpos líquido, aéreo e calórico, a consciência diurna clara sem aquilo que, de fato, reflete a corporalidade interior, sem a consciência onírica e a consciência de sono.

E agora, partindo da psicologia teórica, se pergunta: Como é que esse anímico-espiritual vive no físico? – Ora, vejam os senhores, em verdade faz-se isso. Considerem o seguinte: temos o corpo sólido, o corpo líquido, o corpo aéreo, o corpo calórico. Por meio do corpo calórico o Eu desenvolve a clara consciência diurna normal. Mas quando descemos, entramos na consciência onírica; descendo ainda mais, chegamos à consciência de sono sem sonho. Daqui para baixo (tracejado no esquema) existe, como os senhores sabem pela “Ciência Oculta”, mais um estado de consciência, que não vem ao caso agora.

Ao nos perguntarmos sobre qual é a ligação do que está escrito aqui à direita com o que está escrito à esquerda, vemos que os dois se encaixam, pois aqui se entra (seta esquerda) de baixo para cima na alma, e aqui, para dentro do corpóreo (seta direita); o da direita e o da esquerda se ajustam. Mas atualmente, no modo de ver exterior, praticamente só se olha para o corpo sólido e, por sua vez, só para este estado de consciência (Eu); Ora, aqui, isto (o Eu) está pendurado no ar e isto (o corpo sólido) está no chão, aí não se encontra uma relação. Leiam as teorias psicológicas atuais e verão que hoje se estabelecem as hipóteses mais absurdas sobre como a alma age sobre o corpo. Mas isto advém do fato de que só se observa uma parte do corpo, e depois se observa algo que está totalmente fora, observa-se uma parte da alma.

Que a Ciência do Espírito tenha de penetrar na totalidade, que ela, de fato, deva criar a ponte entre o corpóreo de um lado, e do

outro lado o anímico, que ela realmente busque aqueles estados onde o anímico se torna corpóreo e o corpóreo se torna anímico, isto irrita nossos contemporâneos que querem de toda maneira, permanecer parados naquilo que o tacanho modo de observar exterior oferece.

Amanhã continuaremos a falar dessas coisas.

## Décima Primeira Conferência

Dornach, 18 de dezembro de 1920

Ontem procurei trazer alguns aspectos sobre a constituição geral do ser humano, de modo que foi possível, no final, chamar a atenção para o fato de como, por uma apropriada observação global da natureza humana, pode ser construída uma ponte entre o que existe como organismo exterior do ser humano e o que desenvolvemos em nosso interior por meio da autoconsciência. Em geral não se cria esta ponte, ou então ela é criada apenas de modo deficiente, especialmente deficiente na atual ciência exterior. E vimos que para a construção desta ponte, deve estar claro como se deve observar o organismo humano. Vimos que tudo o que, atualmente, é de fato levado em consideração, pelo menos tudo o que é observado com seriedade pela ciência exterior como tendo uma estrutura, o sólido ou o sólido-líquido, só pode ser considerado como um organismo único; mas vimos que também temos de reconhecer um organismo líquido, um organismo aéreo e um organismo calórico. Desse modo obteremos a possibilidade de compreender como, neste organismo mais sutil, há a intervenção daquelas partes da entidade humana que levamos em consideração habitualmente. Naturalmente tudo, até chegar ao calor, é corpo físico. Mas no corpo líquido, em tudo que é organizado no organismo como líquido, há a interferência do corpo etérico; em tudo que é organizado como ar, há a interferência do corpo astral, e em tudo que é organizado como calor, é principalmente o Eu que interfere. Deste modo nos é possível, de certa forma, permanecermos parados no corpo físico, mas dentro

desse físico podemos subir até chegar ao espiritual.

De outro lado, observamos a consciência. Como eu disse ontem, geralmente se vê apenas aquela consciência que conhecemos no estado de vigília, do acordar até o adormecer. Nesse estado percebemos os objetos à nossa volta, os combinamos usando nossa razão, também temos sentimentos em relação a eles, vivemos em nossos impulsos volitivos; mas vivenciamos todo este complexo do estado de consciência como algo que, segundo suas características, é bem distinto de tudo que é físico, daquilo que só é visto pela ciência física. E não é tão fácil criar uma ponte entre essas vivências não corpóreas que temos na consciência e as outras concepções, os outros objetos de percepção considerados pela fisiologia ou anatomia físicas. Mas, também em relação à consciência, na vida comum já conhecemos, além da consciência diurna comum, a consciência onírica, e ontem vimos como os sonhos são, essencialmente, imagens ou símbolos de processos orgânicos interiores. Constantemente ocorre algo em nós que se expressa nos sonhos em forma de imagens. Eu disse que sonhamos com cobras que serpenteiam quando temos qualquer incômodo nos intestinos; sonhamos com um forno quente, e quando acordamos temos taquicardia; o forno quente simbolizava o coração arritmico, as serpentes simbolizavam os intestinos, e assim por diante. O sonho nos leva para baixo, ao organismo, e no sono a consciência é obnubilada, e para o ser humano é, de fato, a vivência do nada. Ontem mostrei como se deve ter essa vivência do nada para, justamente, sentir-se ligado à corporalidade. Como Eu, não nos sentiríamos ligados com a nossa corporalidade se não abandonássemos o corpo e o procurássemos novamente ao acordar, e desse modo, justamente por sentirmos a falta dele entre



o adormecer e o acordar, é que nós nos sentimos unos com nosso corpo. Somos levados pela consciência comum, que não tem nada a ver conosco a não ser de nos proporcionar a percepção, a representação mental, à consciência onírica, que tem a ver com o que já está no corpo. Portanto, somos conduzidos ao corpo. E somos conduzidos mais ainda ao corpo quando entramos na consciência do sono sem sonhos. Assim podemos dizer: De um lado observamos o anímico de tal modo que ele nos conduz ao corpo. E observamos o corpóreo de tal modo que ele, ao apresentar-se por intermédio do organismo líquido, do organismo aeriforme e do organismo calórico, o organismo vai se utilizando, conduzindo-nos ao anímico. – Realmente, temos que ponderar sobre estas coisas se quisermos chegar a uma verdadeira cosmovisão que satisfaça o ser humano.

A grande pergunta que já nos ocupa há semanas, à qual nos dedicamos repetidamente, a pergunta principal da cosmovisão humana é, num primeiro momento: Qual é a ligação do elemento moral, da ordem universal moral com a ordem universal física? – Já o dissemos várias vezes: A cosmovisão atual, que se apóia na ciência natural para conhecer o mundo sensório exterior, que, quando se trata de algo que abranja o anímico – pois a psicologia já não o contém mais –, só pode buscar um refúgio nas confissões religiosas mais antigas, esta cosmovisão não contém nenhuma ponte. De um lado está o mundo físico. Segundo esta cosmovisão, ele se formou a partir da nebulosa primordial. Foi dela que tudo se formou; e tudo voltará a ser uma espécie de escória cósmica. É isto que a atual orientação científica nos mostra como a imagem exterior relativa a todo esse devir e que, afinal, caso se seja um honesto cientista moderno, é a única coisa que parece real. Dentro desta

imagem o elemento moral, a ordem universal moral não tem lugar. Ela então existe por si, isolada. O ser humano recebe os impulsos morais em sua alma como impulsos anímicos. Mas se isso for assim como a ciência natural expõe, então tudo que se move e vive saiu da nebulosa primordial, e por último saiu o ser humano, e os ideais morais elevam-se do ser humano. Quando, então, o mundo tiver voltado ao seu estado de escória, este também será o grande cemitério para todos os grandes ideais morais. Eles terão desaparecido. Nem é possível construir uma ponte, e o que é pior, nem é possível, se o ser humano não se tornar inconstante, acrescentar a verdadeira moralidade à ordem universal por parte da ciência atual. Só se a ciência for inconstante ela aceitará a validade da ordem universal moral. Mas se ela for constante, em verdade ela não pode fazê-lo. Isto tudo resulta do fato de que de um lado só se tem uma espécie de anatomia do sólido, onde não se leva em consideração que o ser humano também tem em si um organismo líquido, um organismo aéreo e também um organismo calórico. Se imaginarem que, da mesma forma como os senhores têm em si um organismo sólido configurado, por exemplo nos ossos, nos músculos, nos filamentos nervosos, os senhores também têm um organismo líquido, um organismo aéreo, que, de fato, flutuam, são móveis em si, e, além disso, ainda têm um organismo calórico, então será mais fácil os senhores compreenderem o que tenho para lhes apresentar das minhas observações científico-espirituais.

Vamos imaginar que o ser humano se entusiasme por um elevado ideal moral. O ser humano realmente pode se entusiasmar interior, animicamente por um ideal moral, pelo ideal da simpatia, da liberdade, da bondade, do amor e assim por diante. Em casos

concretos, ele consegue entusiasmar-se por aquilo que é indicado por meio desses ideais. Mas, naturalmente, ninguém pode imaginar que, de acordo com a visão que a fisiologia e anatomia atuais têm dos ossos e dos músculos, o que sucede na alma como entusiasmo possa entrar nos ossos, nos músculos. Mas ao se aconselharem devidamente consigo mesmos, os senhores descobrirão que podem imaginar muito bem – e de fato é assim – que, se o ser humano se entusiasmar por um elevado ideal moral, este entusiasmo interior exercerá uma influência sobre o organismo calórico. E desse modo, já se está dentro do físico a partir do anímico! Portanto pode-se dizer, ao citar este exemplo, que os ideais morais se expressam por meio da intensificação do calor no organismo calórico. O ser humano não se aquece apenas animicamente, o ser humano – mesmo que isto não possa ser comprovado tão facilmente por meio de instrumentos físicos –, por meio daquilo que vivencia, realmente se torna interiormente mais aquecido pelas idéias morais. Portanto, seu efeito estimula o organismo calór. Os senhores devem imaginar isso como um processo concreto: entusiasmo por um ideal moral: vivificação do organismo calórico. Há um grande movimento no organismo quando um ideal moral arde na alma. Isso, porém, também tem efeito sobre o restante do organismo. Além do organismo calórico que, de certa forma, é o organismo mais elevado do ser humano, também há o organismo aéreo. Este inspira e expira o ar; mas durante a inspiração e a expiração o ar está dentro dele. De fato, interiormente ele está em movimento, flutuando; mas não deixa de ser um organismo, é um verdadeiro organismo aéreo que vive dentro do ser humano, do mesmo modo como o organismo calórico. Quando o calor é estimulado por um ideal moral ele atua, por sua vez, no organismo aéreo, porque o

calor provoca um efeito em todo o organismo. O efeito sobre o organismo aéreo não é meramente um aquecimento, pois quando o calor que se torna ativo no organismo calórico age sobre o organismo aéreo humano, ele lhe transmite tudo o que, não consigo denominar de outra forma senão de "uma fonte de luz". De certo modo, germes de luminosidade são transmitidos ao organismo aéreo, de modo que os ideais morais que estimulam o organismo calórico provocam fontes de luz no organismo aéreo. Evidentemente, essas fontes luminosas não se mostram luminosas para a consciência exterior, para a percepção exterior, mas essas fontes de luz surgem no corpo astral humano. Inicialmente elas estão ligadas, se posso fazer uso dessa expressão física, por meio do próprio ar que o ser humano tem em si. De certa forma, elas ainda são luz escura, do mesmo modo como o germe vegetal também ainda não é a planta formada. Mas pelo fato de o ser humano poder entusiasmar-se por ideais morais ou por fenômenos morais, ele carrega em si uma fonte de luz.

Temos mais um organismo, o organismo líquido. Enquanto o calor atua no organismo calórico e, partindo do ideal moral, provoca no organismo aéreo aquilo que podemos chamar de fonte de luz, que de início fica presa, fica oculta, o organismo líquido provoca – devido ao fato de que no organismo humano tudo se transmite – aquilo que mencionei ontem, que é a base dos sons aéreos exteriores. Eu disse ontem que o ar é apenas o corpo do som, e quem, por acaso, procura a essência do som nas vibrações aéreas sem mencionar mais nada, fala sobre o som da mesma maneira como se fala do ser humano mencionando apenas o corpo exterior visível. O ar, com suas vibrações ondulantes, não é senão o corpo exterior do som. No ser humano o som, o som espiritual, não

é provocado pelo organismo aéreo, mas ele é provocado justamente pelo organismo líquido por meio do ideal moral. Portanto é aí que o som tem sua origem. E de certa forma, o organismo mais compacto, portanto aquele que dá suporte a todos os outros organismos, é considerado como sendo o organismo sólido. Neste também se desencadeia algo como nos outros organismos, só que no organismo sólido desencadeia-se o que podemos chamar de germe da vida, o germe etérico da vida, não o germe da vida física que se desprende do organismo humano feminino no nascimento, mas o que se desprende é o germe de vida etérico. O que vive como germe de vida etérico está nas profundezas do subconsciente; são as fontes do som e, em certo sentido, até aquilo que é a fonte de luz. Isso tudo está oculto para a consciência comum, porém está no ser humano.

Tentem lembrar-se de tudo que vivenciaram em sua vida quando dirigiram suas almas a idéias morais, seja por terem achado esses impulsos morais simpáticos quando os captaram meramente como idéias, ou que os senhores os tenham visto em outras pessoas, ou que puderam sentir-se interiormente satisfeitos com seus próprios atos ao fazerem com que estes atos fossem aquecidos pelos ideais morais, tudo isso desce para o organismo aéreo como fonte de luz, para o organismo líquido como fonte de som, para o organismo sólido como fonte de vida. Tudo isso se desprende, de certo modo, daquilo que é consciente no ser humano. Mas o ser humano o carrega dentro de si. Isso se liberta quando o ser humano se desprende do seu organismo físico ao morrer. O que é desencadeado em nosso organismo por meio dos nossos ideais morais, justamente pelas idéias mais puras, de início, não se torna fecundo. As próprias idéias morais tornam-se fecundas

na vida entre a morte e um novo nascimento, desde que permaneçamos na vida das idéias e se tivermos uma certa satisfação com o que executamos moralmente. Mas isto tem a ver apenas com a recordação, não tem nada a ver com o que entra no organismo por acharmos os ideais morais simpáticos.

De fato, vemos como todo o nosso organismo, partindo do nosso organismo calórico, é permeado pelos ideais morais. E quando, depois da morte, desprendemos nosso corpo etérico, nosso corpo astral e nosso Eu do organismo físico, então somos atravessados, nos membros superiores da natureza humana, pelas impressões que tivemos. Nosso Eu esteve no organismo calórico na medida em que nossos ideais morais vivificavam o nosso próprio organismo calórico. Estivemos no nosso organismo aéreo, onde foram implantadas fontes de luz, que, depois da morte, saem conosco para o cosmo. Em nosso organismo líquido, com o qual fluímos para o cosmo, estimulamos o som que se transforma em música das esferas. Ao passarmos pelo portal da morte levamos para fora vida.

Neste ponto os senhores têm uma noção do que realmente é a vida que está esparramada pelo mundo. Onde estão as fontes da vida? Elas estão naquilo que estimula os ideais morais, que têm um efeito entusiasmante no ser humano. Chegamos à conclusão que nos leva a dizer que, quando nos deixamos inflamar por ideais morais, eles levam para fora luz e som e se tornam universalmente criativos. Levamos a criatividade universal para fora, e a fonte da criatividade universal é o elemento moral.

Os senhores vêem que encontramos uma ponte quando observamos o ser humano global entre os ideais morais e aquilo que, vivificando o mundo físico lá fora, também atua quimicamente.

Pois é o som que atua quimicamente, que une as substâncias e as separa, analisando-as. E a luminosidade no mundo tem sua fonte nos estímulos morais nos organismos calóricos dos seres humanos. Olhamos para o futuro, lá se formam estruturas universais. E do mesmo modo como no vegetal temos de retroceder até o germe, também temos de retroceder ao germe que se encontra em nós como ideais morais quando olhamos para a configuração dos mundos futuros.

Observem, agora, as idéias teóricas, em contraposição aos ideais morais. Com as idéias teóricas, mesmo que elas tenham um grande significado, acontece algo bem diferente. Nas idéias teóricas realmente notamos um desestímulo, um esfriamento do organismo calórico. De modo que temos de dizer: Idéias teóricas esfriam o organismo calórico. – É esta a diferença do efeito sobre o organismo humano. Ideais morais, ou aqueles que tendem à moral, à religião, aqueles que nos induzem ao entusiasmo, que se tornam impulsos para nossa atuação, agem de modo criativo no universo. Idéias teóricas atuam, num primeiro momento, de modo desestimulante, esfriam o organismo calórico. Pelo fato de esfriarem o organismo calórico, elas também agem de modo paralisante sobre o organismo aéreo e agem de modo paralisante sobre a fonte de luz, sobre o surgimento da luz. Elas também agem de modo a matarem o som do universo, e apagam a vida. Nas nossas idéias teóricas finda aquilo que foi criado no pré-mundo. Ao termos idéias teóricas, um universo sucumbe nelas. Trazemos em nós a extinção de um universo, trazemos em nós o desabrochar de um universo.

**Ideais morais**

Incentivam o organismo calórico

Criam fontes de luz no organismo

Criam fontes de som no organismo líquido

Criam germes de vida no organismo sólido (etericamente)

**Idéias teóricas**

Esfriam o organismo

Paralisam a formação de luz

Matam o som

Apagam a vida

Aqui também está o ponto em que a pessoa iniciada nos mistérios do universo não pode falar, como muitos falam hoje, da conservação da energia ou conservação da matéria. Que a substância se mantém constante, simplesmente não é verdade. A substância se desfaz até atingir o ponto zero. Em nosso organismo a energia se esvai até atingir o ponto zero, porque nosso pensar é teórico. E não seríamos seres humanos se não pensássemos teoricamente, se o universo não morresse constantemente em nós. Por causa da morte do universo é que somos seres humanos autoconscientes, que podem ter pensamentos sobre o universo. Mas pelo fato de o universo estar sendo pensado em nós, ele já é um cadáver. O pensamento sobre o universo é o cadáver do universo. Em nós, o universo só se torna consciente em forma de cadáver e isso nos torna seres humanos. Portanto, um mundo passado morre em nós até se tornar matéria, até se tornar energia. Apenas porque logo em seguida nasce um novo universo é que não percebemos que a matéria passa e se forma novamente. No ser



humano, a materialidade é levada ao fim pelo pensar teórico; a materialidade e a energia universal são reavivadas pelo seu pensar moral. É desse modo que aquilo que acontece no interior da pele humana interfere na morte e no nascimento do universo. É esta a maneira do elemento moral e do elemento natural se entrelaçarem. O elemento natural se desfaz no ser humano; no elemento moral surge um novo elemento natural.

Inventou-se a idéia da conservação da matéria e da energia porque não se quis olhar para essas coisas. Se a energia e a matéria fossem eternas não existiria uma ordem universal moral. Hoje só se quer ocultar isto, e a cosmovisão atual tem todos os motivos para ocultar isto pois, em verdade, ela tem de apagar a ordem universal moral, e esta se apagará quando se fala da lei da conservação da matéria e da energia. Pois se a matéria e a energia se conservam de uma forma qualquer, a ordem universal moral não passa de uma mera ilusão, de um espectro. Só será possível compreender todo o desenvolvimento do mundo quando se entender como deste “espectro” – pois antes de tudo trata-se deste espectro, uma vez que ele vive nos pensamentos – da ordem universal moral surgem novos mundos. Mas não se chega a estes resultados quando se leva em conta apenas os elementos sólidos do organismo humano, mas, sim, quando se vai além, através dos organismos líquido e aéreo até o organismo calórico. A ligação do ser humano com o universo só será compreendida quando, de certo modo, se acompanhar o físico até a sua subtilização, sua rarefação, quando o anímico puder intervir nesta rarefação física como o faz no calor. Então ali se encontrará a conexão entre o corpóreo e o anímico. Por mais que se escrevam compêndios sobre psicologia, sobre teorias sobre a alma, se elas partirem do que a anatomia e

fisiologia atuais consideram, não será possível encontrar a passagem do sólido, ou sólido-líquido dos corpos que são imaginados como sólido-moles para o anímico, que nem sequer aparece como anímico. Observando-se, porém, o corpóreo até se chegar ao calor, então poderá ser feita a ponte entre o que existe nos corpos como calor para aquilo que age a partir da alma sobre o calor do próprio organismo humano.

O calor existe nos corpos exteriormente, o calor existe interiormente no organismo humano, e pelo fato de o próprio calor estar constituído no organismo humano, a alma, o anímico-espiritual interfere no organismo calórico, e indiretamente, através do calor, há uma interferência em tudo que vivenciamos interiormente como moral. É claro que quando me refiro ao elemento moral não se trata apenas daquilo que os filisteus imaginam como moral, refiro-me a tudo que tem a ver com o elemento moral, portanto também aos impulsos que, por exemplo, recebemos ao contemplarmos a maravilha do cosmo, quando nos dizemos: Nascemos a partir do cosmo, somos responsáveis pelo que ocorre no mundo quando nos entusiasmos para influenciar o futuro a partir do conhecimento da Ciência do Espírito. – E ao considerarmos a própria Ciência do Espírito como uma fonte do elemento moral, podemos entusiasmar-nos ao máximo por aquilo que é moral; o entusiasmo que atua a partir da Ciência do Espírito será, concomitantemente, uma fonte do elemento moral em um sentido mais elevado. Mas o que é usualmente chamado de moral, é apenas uma ínfima parte de tudo que é moral. Todas as idéias que temos do mundo exterior, das leis da natureza, são idéias teóricas. Podemos imaginar uma máquina o mais intensamente possível, de modo matemático-mecânico, como também podemos imaginar o universo de modo matemático-

mecânico no sentido do sistema kopernicano: o que conseguimos desse modo, como idéias teóricas, é a força de morte em nós, é o cadáver de todo o universo que está em nós em forma de pensamento, de representação mental.

Estas coisas proporcionam, cada vez mais, a compreensão do todo, do universo todo. Não existem duas ordens, uma ordem da natureza e uma ordem moral, lado a lado, mas as duas são apenas uma só, e é disto que o ser humano atual precisa, caso contrário ele ficará sempre na situação de perguntar: O que estou fazendo com meus impulsos morais em um mundo onde apenas existe uma ordem natural? – A pergunta que tanto pesava nos corações do século XIX e início do século XX era: Como é possível imaginar uma transição do natural para o moral, do moral para o natural? – Nada irá proporcionar a solução desta pergunta angustiante sobre o destino a não ser a compreensão científico-espiritual, tanto da natureza, de um lado, como do espírito, do outro lado.

Quando se têm as premissas que advêm destes conhecimentos, pode-se contrapô-las ao que se mostra em certos âmbitos da ciência exterior, e que hoje também já passou para a consciência popular. Hoje, temos de reconhecer a cosmovisão kopernicana como base da nossa cosmovisão. É verdade que a cosmovisão kopernicana, que continuou sendo desenvolvida por Kepler, e que Newton transformou em teoria, foi desprezada pela igreja católica até 1827. Nenhum católico ortodoxo podia, até aquela época, acreditar nela. Desde então, lhe é permitido acreditar nela. Mas ela entrou tanto na consciência popular que hoje uma pessoa que não vê o mundo de acordo com a imagem de mundo kopernicana é considerada tola.

O que é esta imagem de mundo kopernicana? Em verdade,

ela é elaborada com base em concepções e princípios matemáticos. Podemos, então, comparar esta imagem de mundo que, lentamente, foi sendo preparada na cosmovisão grega<sup>2</sup>, que ainda tinha resquícios de antigas orientações de pensamentos como, por exemplo, na cosmovisão de Ptolomeu, mas que continuou se desenvolvendo para o que hoje se ensina a toda criança como a imagem de mundo kopernicana; a partir desta imagem podemos olhar retrospectivamente para épocas antigas da humanidade. Lá encontramos uma outra imagem de mundo. Desta só restou o que hoje ainda é guardado pelas tradições que também se apóiam em fundamentos bastante diletantes na forma como se apresentam hoje entre as pessoas, naquilo que existe como astrologia e coisas semelhantes. Isso sobrou como resto de uma antiga astronomia, ou, provavelmente, também sobrou aquilo que ossifica, que endurece os símbolos, e coisas semelhantes das sociedades ocultas;, da maçonaria e outros. Em geral as pessoas nem sabem que esses são os restos de uma antiga astronomia. Era uma astronomia diferente, era uma astronomia que não era estruturada meramente sobre princípios matemáticos como a astronomia atual, ela surgiu por meio de visões da antiga clarividência. Hoje temos uma idéia totalmente errada da forma como a humanidade do passado chegava às suas representações astronômicas e astrológicas. A humanidade chegava a elas por meio de visões clarividentes intuitivas do universo. Os povos pós-atlantes mais antigos percebiam configurações e seres espirituais nos corpos celestes do mesmo modo como o ser humano de hoje vê apenas configurações físicas nos corpos celestes. Nos povos

---

<sup>2</sup> Na antiguidade, o principal representante do sistema cósmico heliocêntrico era Aristarco de Samos, ao redor de 250 a.C..

antigos, quando se falava de corpos celestes, de planetas ou estrelas fixas, falava-se de entidades espirituais. Hoje se imagina o sol como uma bola de gases incandescentes, imagina-se que ele irradia luz porque é uma bola de gás incandescente. Os povos antigos imaginavam que o Sol era uma entidade viva, e aquilo que aparecia diante de seus olhos como Sol, no fundo, era apenas a expressão exterior, corpórea, dessa entidade espiritual que pressupunham estar lá fora onde se encontra o Sol; e o mesmo é válido para os outros corpos celestes. Eles viam entidades espirituais. Devemos imaginar que houve uma época, que já havia terminado muito tempo antes do Mistério do Gólgota, onde tudo que está lá fora, no universo, que existia como Sol, como estrelas, era imaginado como entidades espirituais; e que depois houve uma época intermediária onde não se sabia muito bem como pensar tudo isso, onde, por um lado, se via, de fato, os planetas como algo físico, mas se pensava que eles eram vivificados por almas. Nesta época, em que já não se sabia mais como o físico passa gradativamente ao anímico, como o anímico passa gradativamente para o físico, como, no fundo, ambos são um só, estabeleceu-se, de um lado, a existência de algo físico, e do outro lado, de algo anímico. E pensava-se os dois juntos, assim como hoje ainda pensa a maioria dos psicólogos: se é que aceitam algo anímico, pensam o anímico e o físico do ser humano unidos, e isto não pode levar a nada a não ser a um pensar absurdo; ou como supõe a paralelização psicofísica<sup>3</sup>, que não é nada mais senão um meio de informação absurdo sobre algo que não se sabe.

Depois veio a época em que os corpos celestes eram vistos

---

<sup>3</sup> Veja 'Elemente der Psychophysik' (Elementos da psicofísica) de Gustav Theodor Fechner, Leipzig 1860; 'Über psychische Kausalität und das Prinzip des psychologischen Parallelismus' (Sobre a causalidade psíquica e o princípio do paralelismo psicológico) de Wilhelm Wundt, 1894.

como entidades físicas que gravitam ou ficam paradas, se atraem ou se repelem, e assim por diante, com base em leis matemáticas. Mas é verdade que em todas as épocas – nas épocas antigas era mais instintivo – havia um conhecimento das coisas como realmente são. Agora o saber instintivo não é mais suficiente; deve ser conquistado conscientemente o que antigamente se sabia instintivamente. E se perguntarmos como as pessoas que tinham condições de reconhecer o universo por meio de uma visão global, ou seja, uma visão física, anímica e espiritual, se imaginavam o Sol, poderíamos dizer o seguinte: As pessoas imaginavam o Sol como uma entidade espiritual (desenho I). O iniciado pensava ser esta entidade espiritual a fonte de tudo que é moral. Ou seja, o que expus na minha “Filosofia da Liberdade”, que as intuições morais são hauridas desta fonte, elas são hauridas na Terra; reluzirão do ser humano, daquilo que pode viver como entusiasmo moral no ser humano (II).

Tafel 17

*Wimm*



Pensem o quanto nossa responsabilidade aumenta quando sabemos o seguinte: se não existisse ninguém na Terra que pudesse se entusiasmar pela moral verdadeira, ou, generalizando, por ideais espirituais em sua alma, não iríamos contribuir para a continuidade do nosso mundo. A força de irradiação (desenho III)

que está aqui na Terra age para fora, para o universo.



III

Evidentemente, ainda não é perceptível para a percepção humana comum, o que vive como elemento moral no ser humano. Irradia para fora da Terra. Ora, se na Terra ocorresse uma época triste, em que milhões e milhões de pessoas sucumbissem pela falta de espiritualidade – neste caso, pensa-se o espiritual concomitantemente, inclusive o elemento moral, pois realmente é assim –, então, se existisse apenas uma dúzia de pessoas com entusiasmo moral-espiritual, a Terra, de fato, iria reluzir espiritual-solarmente. O que irradia, só irradia até uma certa distância. A esta distância, a irradiação se espelha, de certa forma, em si mesma, e aqui surge o espelhamento daquilo que é irradiado pelo ser humano. Este espelhamento era visto pelos iniciados, em todas as épocas, como o Sol. Pois não há nada físico, como eu já disse várias vezes. Onde a astronomia exterior afirma haver uma bola de gás, existe apenas o espelhamento de algo espiritual que aparece fisicamente (IV).

Os senhores podem ver como a cosmovisão kopenicana e também a astrologia antiga estão distantes do que era o segredo da

iniciação. Provavelmente a melhor maneira de expressar como os fatos estavam ligados é que em uma época em que aqueles grupos de pessoas que já detinham um grande poder achavam que estas verdades, como diziam, eram perigosas para os seres humanos e portanto não queriam que fossem divulgadas, como, numa época assim, um idealista como *Juliano*<sup>4</sup>, que foi chamado de “apostata” porque queria divulgar estas verdades, foi assassinado. Existem, realmente, motivos que levam certas sociedades ocultas a não revelarem ao mundo os mistérios que permeiam o universo, pois assim elas podem exercer um certo poder. Se na época do imperador Juliano certas sociedades ocultas cuidavam tanto de seus mistérios que mandaram matar Juliano, não precisamos nos admirar se os guardiões de certos mistérios que não querem revelar, mas querem resguardá-los das multidões para preservar seu poder, sentem ódio quando agora certos mistérios estão começando a ser desvendados. E assim os senhores têm noção dos motivos mais profundos que levam, no mundo, a tamanho ódio contra aquilo que a Ciência do Espírito se sente obrigada a divulgar à humanidade da época atual. Porém, vivemos em uma época em que a civilização humana corre o risco de sucumbir, ou de a humanidade da Terra receber a revelação de certos mistérios: aqueles fatos que, de certo modo, foram preservadas até hoje como segredos, que chegaram à humanidade através da clarividência instintiva, mas que agora devem ser reconquistados por intermédio de uma visão totalmente consciente, não só em relação ao físico, mas também em relação ao espírito intrínseco a ele! O que é que Juliano, o Apostata, queria? Ele queria que as pessoas compreendessem que: Vocês estão se acostumando, cada vez

---

<sup>4</sup> Flavius Claudius Julianos Apostata: 331-363, imperador romano de 361 a 363.



mais, a só enxergar o sol físico; mas existe um Sol espiritual, do qual o sol físico é apenas o espelho! – Ele queria, a seu modo, revelar ao mundo o Mistério do Cristo. Mas pretende-se encobrir as relações do Cristo, do Sol espiritual com o sol físico. É por isto que certos detentores do poder ficam furiosos quando se fala do Mistério do Cristo relacionado com o Mistério do Sol. É aí que então aparecem as mais variadas difamações. Mas os senhores vêem que a Ciência do Espírito é um assunto importante para a época atual. Só quem a considerar um assunto importante é que a considera com a devida seriedade.

## Décima Segunda Conferência

Dornach, 19 de dezembro de 1920

O ser humano situa-se no mundo, por um lado, como um ser contemplador e, pelo outro, como um ser atuante; ele está entre os dois com o seu sentir. Por um lado, ele está entregue com seu sentir àquilo que é o resultado de sua contemplação e, pelo outro, participa com seu sentir da sua ação. Basta refletir sobre o grau de satisfação ou insatisfação que o ser humano pode sentir pelo que consegue ou não consegue realizar como ser atuante; basta lembrarmos que, em última análise, toda ação é acompanhada por impulsos de sentimentos e veremos que, de fato, nosso ser sentimental une esses dois pólos opostos: o elemento contemplativo em nós e o elemento atuante em nós. Somente por sermos seres contemplativos é que nos tornamos seres humanos no verdadeiro sentido da palavra. Basta os senhores pensarem que tudo o que lhes dá a consciência de serem seres humanos, está ligado ao fato de serem capazes de retratar, contemplar interiormente o mundo que está em seu entorno, no qual vivem. Pensar que não é possível contemplar o mundo significaria que teríamos de destituir-nos de toda nossa qualidade de ser humano. Como seres humanos atuantes encontramos-nos na vida social. E, com efeito, tudo o que realizamos no tempo entre o nascimento e a morte tem um certo significado social.

Os senhores sabem que, na medida em que somos seres que contemplam, vive em nós o pensamento que, na medida em que somos seres atuantes, por sermos seres sociais, vive em nós a volição. Contudo, a natureza humana, como toda a realidade, não

permite que coloquemos racionalmente as coisas lado a lado, mas apenas que possamos caracterizar de um modo ou de outro o que atua na existência; as coisas se misturam, as forças do mundo se perpassam. Refletindo, podemos imaginar que somos seres pensantes, mas pensando, também podemos imaginar que somos seres volitivos. Também quando vivemos em total quietude exterior com nossos pensamentos em estado contemplativo, a vontade não deixa de estar constantemente ativa em nós. E, por sua vez, quando estamos em ação, o pensamento está ativo em nós. É imaginável que algo parta de nós como ação, que algo passe para a vida social sem que nos identifiquemos mentalmente com o que ocorre dessa maneira. Em toda qualidade volitiva vive a qualidade racional, em tudo que tem a ver com os pensamentos vive a qualidade volitiva. É absolutamente necessário que tenhamos clareza precisamente sobre os assuntos aqui em pauta se quisermos seriamente construir a ponte da qual já falei aqui por diversas vezes, a ponte entre a ordem mundial moral-espiritual e a ordem físico-natural.

Imaginem que os senhores permanecessem por algum tempo imersos em pensamentos no sentido como é usual nas ciências naturais, sem se mexerem em absoluto, que se abstivessem de toda atividade, vivendo, pois, uma vida de representações mentais. Contudo, deve estar claro que a volição está ativa nessa vida de representações mentais, a volição que, aliás, nesse instante está ativa em seu interior, que espalha as suas forças no âmbito da representação mental. Especialmente quando contemplamos o ser humano pensante, como ele, constantemente, irradia a vontade para dentro dos seus pensamentos, em verdade devemos notar algo relativo à vida real. Se examinarmos todos os pensamentos

que concebemos desse modo, descobriremos sempre que se relacionam a algo que está à nossa volta, que está nas nossas vivências. Por assim dizer, não temos outros pensamentos entre o nascimento e a morte senão os que a vida nos traz. Se nossa experiência for rica, teremos um conteúdo de pensamentos rico; se a experiência for pobre, teremos um conteúdo de pensamentos pobre. O conteúdo de pensamentos é, por assim dizer, o nosso destino interior. Contudo, no âmbito dessa vivência do pensar, uma coisa é totalmente nossa: a maneira como ligamos e separamos os pensamentos, a maneira como elaboramos os pensamentos internamente, como julgamos, como chegamos a conclusões, como nos orientamos na vida pensante, isso é nosso, nos pertence. A volição na nossa vida pensante é nossa.

Se, fazendo um minucioso exame de consciência, olharmos para essa vida pensante, devemos dizer – e num minucioso exame de consciência os senhores verão que é assim –: Os pensamentos, quanto ao seu conteúdo, nos vêm de fora, enquanto a elaboração deles parte de nós mesmos. Por isso, com relação ao nosso mundo de pensamentos, em realidade somos totalmente dependentes do que podemos experimentar pelo nascimento no qual o nosso destino nos coloca, e pelas vivências pelas quais poderemos passar. Mas para o que nos chega do mundo exterior levamos, precisamente por meio da nossa volição que irradia das profundezas da alma, algo que é nosso. Para o cumprimento daquilo que o autoconhecimento quer de nós, é muito significativo que distingamos como, por um lado, o conteúdo de pensamentos nos chega de fora e, por outro, a força da vontade irradia do nosso interior para dentro desse mundo de pensamentos.

De que maneira podemos realmente tornar-nos cada vez mais

e mais espiritualizados? A pessoa não se torna mais espiritualizada por acolher do exterior a maior quantidade possível de pensamentos, porque esses pensamentos, eu diria, não fazem mais que refletir em imagens o mundo exterior físico-sensório. Não nos tornamos mais espiritualizados por correr o máximo possível atrás das sensações da vida. Tornamo-nos mais espiritualizados pelo trabalho volitivo interior dentro dos pensamentos. Por isso, a meditação não consiste em nos entregarmos a um jogo qualquer de pensamentos, mas em que coloquemos poucos pensamentos, que podemos discernir e examinar facilmente, no centro da consciência, que coloquemos esses pensamentos no centro da consciência com muita vontade. E quanto mais forte, mais intensa for essa radiação interior de vontade no elemento onde se encontram os pensamentos, tanto mais espiritualizados nos tornamos. Quando acolhemos pensamentos do mundo físico-sensório exterior – e apenas podemos acolher estes entre o nascimento e a morte –, ficaremos sem liberdade, como os senhores reconhecerão facilmente, pois estaremos entregues aos assuntos do mundo, e no que se refere ao conteúdo dos pensamentos, seremos obrigados a pensar tal como o mundo exterior o ditar. Somente na elaboração interior tornamo-nos livres.

Há uma possibilidade de nos tornarmos totalmente livres em nossa vida interior, ao excluirmos progressivamente o máximo possível o conteúdo dos pensamentos que vêm de fora e tornarmos particularmente ativo o elemento volitivo que ilumina nossos pensamentos quando julgamos, quando tiramos conclusões. Assim, o nosso pensar é levado para o estado que chamei 'o pensar puro' na minha "Filosofia da Liberdade". Pensamos, mas nesse pensar só vive volição. Frisei isso de forma especialmente intensa na nova

edição de 1918 da “Filosofia da Liberdade”. O que vive em nós, vive na esfera do pensar. Mas quando se tornou pensar puro também pode ser denominado volição pura. De modo que, quando ficamos livres interiormente, começamos ascender do pensar para a vontade, por assim dizer, tornamos o nosso pensar tão maduro que ele é totalmente iluminado pela volição, não assimila mais de fora e, sim, vive na volição. Porém, justamente por fortalecermos cada vez mais a vontade no pensar, nós nos preparamos para o que chamei de 'fantasia moral' na “Filosofia da Liberdade”, mas que se eleva para as intuições morais que então irradiam, permeiam a nossa vontade tornada pensamento ou nosso pensamento tornado vontade. Dessa maneira colocamo-nos acima da necessidade físico-sensória, iluminamo-nos com o que nos é próprio, e nos preparamos para a intuição moral. E é nessas intuições morais que se baseia tudo o que pode preencher o ser humano a partir do mundo espiritual. Renasce, pois, aquilo que é liberdade quando deixarmos a nossa volição tornar-se cada vez mais poderosa em nosso pensar.

Contemplemos, agora, o ser humano a partir do outro pólo, o pólo da vontade. Quando é que a vontade aparece ante nosso olhar anímico com a maior nitidez em virtude de uma ação nossa? Ora, se espirramos, também fazemos alguma coisa, mas não estaremos em condições de nos atribuir nisso algum impulso volitivo peculiar. Quando falamos, já fazemos algo em que, de certo modo, a vontade está envolvida. Mas pensem uma vez como, na fala, misturam-se elementos volitivos e elementos não ligados à vontade! Temos de aprender a falar, e temos de aprendê-lo de tal forma que não mais sejamos obrigados a formular cada palavra por meio da vontade, mas que na fala entre uma qualidade instintiva. Pelo

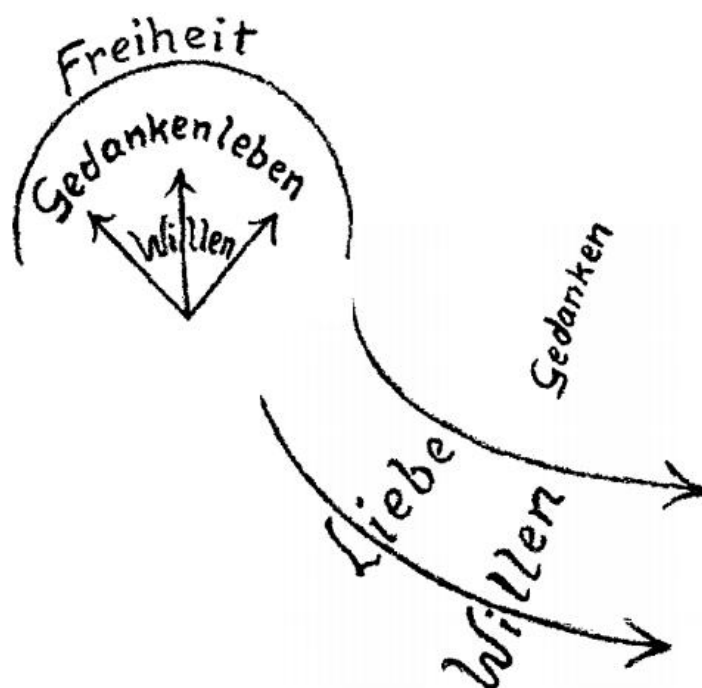
menos é assim no que se refere à vida comum e, no fundo, também é assim, especialmente para aquelas pessoas que têm pouca aspiração pelo lado espiritual. Tagarelas que, por assim dizer, ficam todo o tempo com a boca aberta para dizer isso ou aquilo que não requer muitos pensamentos, eles fazem o interlocutor perceber – eles mesmos não o percebem – quanto de instintivo alheio à vontade está incluído no falar. Porém, quanto mais sairmos de nosso elemento orgânico e passarmos para a atividade que, de certo modo, está desprendida do orgânico, tanto mais levamos os pensamentos para a nossa ação. O espirro ainda está totalmente inserido no orgânico, o falar ainda em grande parte, o andar já bem pouco, o que fazemos com as mãos também já está pouco inserido no orgânico! E, desse modo, passamos paulatinamente para ações cada vez mais desprendidas do orgânico. Persequimos tais ações com os nossos pensamentos, mesmo não sabendo como a vontade invade essas ações. E se não formos sonâmbulos e agirmos nesse estado, nossas ações sempre estarão acompanhadas por nossos pensamentos. Levamos os pensamentos para a nossa ação, e quanto mais a nossa ação se desenvolve, tanto mais a preenchemos com pensamentos.

Os senhores vêem, tornamo-nos cada vez mais interiorizados ao enviar para dentro do pensar a nossa força própria como vontade, deixando, por assim dizer, o pensar ser iluminado pela volição. Levamos a volição para o pensar e assim chegamos à liberdade. Elaborando sempre mais as nossas ações, chegamos a levar os pensamentos para essas ações. Com nossos pensamentos iluminamos nossas ações que provêm da volição. Por um lado, para dentro, vivemos uma vida de pensamentos; nós a iluminamos com a vontade, e assim encontramos a liberdade. Por outro lado, para

fora, as nossas ações jorram da vontade; nos os permeamos com nossos pensamentos.

Mas por meio do quê os nossos atos se tornam cada vez mais desenvolvidos? Se nos permitimos empregar uma expressão talvez contestável, por meio do quê chegamos a uma ação cada vez mais perfeita? Chegamos a uma ação sempre mais perfeita ao formar em nós aquela força que não se pode denominar de outra forma senão de entrega, dedicação ao mundo exterior. Quanto mais cresce a nossa dedicação ao mundo exterior, tanto mais esse mundo exterior nos estimula à ação. Mas pelo fato de encontrarmos o caminho para estarmos entregues ao mundo exterior, chegaremos a permear com pensamentos o que está

Tafel 19



Freiheit = liberdade / Gedankenleben = vida dos pensamentos /  
Willen = vontade / Liebe = amor / Gedanken = pensamentos

na nossa ação. O que é dedicação ao mundo exterior? Dedicção ao mundo exterior que nos permeia, que, com os pensamentos,



permeia nossa ação, não é outra coisa senão *amor*.

Da mesma maneira que chegamos à liberdade pela iluminação da vida dos pensamentos pela vontade, chegamos ao amor pela impregnação da vida volitiva com pensamentos. Desenvolvemos o amor em nossa ação ao fazermos os pensamentos irradiarem para o elemento volitivo; desenvolvemos a liberdade em nosso pensar ao fazermos o elemento volitivo irradiar para os pensamentos. E uma vez que, como seres humanos, somos uma totalidade, se chegarmos a encontrar a liberdade na vida dos pensamentos e o amor na vida volitiva, a liberdade participará da nossa ação e o amor participará do nosso pensar. Iluminam-se mutuamente, e com o amor realizamos uma ação permeada de pensamentos e um pensar permeado de volição, do qual, por sua vez, deriva, em liberdade, o elemento da ação.

Os senhores vêem como, no ser humano, se unem os dois grandes ideais, liberdade e amor. E liberdade e amor também são aquilo que o ser humano, tal como se encontra no mundo, é capaz de realizar em si, de maneira que um se une ao outro para o mundo, justamente por via do ser humano.

Estamos no ponto em que devemos perguntar de que modo pode ser alcançado o ideal, o sublime, nessa vida dos pensamentos irradiada pela volição? Ora, se a vida dos pensamentos fosse algo que representasse processos materiais, de certo modo jamais poderia acontecer que a vontade entrasse inteiramente na esfera dos pensamentos e que o elemento volitivo entrasse cada vez mais na esfera dos pensamentos. Imaginem que aqui tivéssemos processos materiais – se muito, a vontade poderia intervir organizando. A vontade só pode surtir efeito quando a vida dos pensamentos, como tal, não possui realidade física exterior alguma,

quando ela é algo isento de realidade física exterior. O que, então, deve ser essa vida dos pensamentos?

Ora, os senhores compreenderão o que deve ser se partirem de uma imagem. Tendo aqui um espelho e aqui um objeto, o objeto reflete-se no espelho; podem ir atrás do espelho e não encontrarão nada. Os senhores têm apenas uma imagem. Os nossos pensamentos têm essa existência imagética. O que é que lhes confere tal existência imagética? Ora, basta os senhores se lembrarem do que eu lhes disse a respeito da vida dos pensamentos. Em verdade, como tal, ela não é uma realidade no momento atual. A vida dos pensamentos irradia a partir de nossa vida pré-natal ou, digamos, da existência anterior à concepção. A vida dos pensamentos tem sua realidade entre a morte e o novo nascimento. E da mesma forma como aqui temos o objeto diante do espelho e o espelho reflete somente imagens, assim o que desenvolvemos como vida dos pensamentos é experimentado efetivamente na vida entre a morte e um novo nascimento, e apenas irradia para esta vida que realizamos desde o nascimento. Como seres pensantes, temos em nós apenas uma realidade reflexiva. Por isso, a outra realidade que, como os senhores sabem, irradia do nosso metabolismo, pode permear a mera realidade reflexiva da vida dos pensamentos. Se quisermos desenvolver um pensar imparcial, o que aliás, hoje é muito raro nesse contexto, teremos uma visão mais clara do fato de que a vida dos pensamentos tem uma existência reflexiva observando a vida mental mais pura, a matemática. Essa vida mental matemática jorra totalmente de nosso interior, mas apenas tem uma existência de imagem reflexa. É verdade que podemos determinar todas as coisas externas por meio da matemática; mas os pensamentos

matemáticos, em si, não são mais que pensamentos e como tais apenas têm uma existência imagética. São algo que não foi obtido de alguma realidade exterior.

Os abstracionistas, como Kant, também usam uma palavra abstrata. Dizem: As representações matemáticas são 'a priori'. 'A priori' significa: antes de que uma outra coisa exista. Mas por que as representações mentais matemáticas são a priori? Porque irradiam da vida pré-natal, da existência antes da concepção; é o que perfaz a sua qualidade a priori. E o fato de que elas aparecem como reais para a nossa consciência deve-se a que são iluminadas pela volição. Tal iluminação pela volição é que as torna reais. Reflitam como o pensar moderno se tornou abstrato ao usar palavras abstratas para algo que não é compreendido quanto à sua realidade. O fato de trazermos a matemática de uma vida pré-natal foi o que um homem como Kant sentia, por isso denominava de a priori as conclusões matemáticas. Mas a priori não diz coisa alguma, pois não se refere à realidade alguma, apenas a algo formal.

Tradições antigas falam de *aparência*, justamente quando se trata da vida dos pensamentos, do quê, na sua existência imagética, depende de ser transluzido pela vontade para tornar-se realidade (vide figura seguinte).

Olhemos para o outro pólo do ser humano, onde os pensamentos irradiam para o elemento volitivo, onde as coisas são realizadas com amor: lá, por assim dizer, a nossa consciência ricocheteia da realidade. Se não recorrerem a representações mentais supra-sensíveis, os senhores não poderão olhar para dentro do reino das trevas – para a consciência, o reino das trevas – em que se desenvolve a vontade, quando apenas levantarem o

braço ou virarem a cabeça. Os senhores movimentam seus braços, mas o processo complicado que acontece nesse ato permanece tão inconsciente para a consciência comum quanto os fatos do sono profundo sem sonhos. Vemos nosso braço, vemos como a nossa mão pode pegar algo. Tudo isso ocorre porque permeamos tudo com pensamentos, com representações mentais. Mas os próprios pensamentos que estão na nossa consciência também aqui permanecem aparência. O real, porém, está no que vivemos e que não irradia para a consciência comum. Tradições antigas falavam de *poder*, porque aquilo no qual vivemos como realidade é permeado pelo pensamento, mas o pensamento, de certa maneira, ricocheteia na vida entre o nascimento e a morte (vide figura seguinte).

Entre os dois encontra-se a compensação, aquilo que liga a vontade que irradia para a cabeça, e os pensamentos que, por assim dizer, são preenchidos pelo coração na nossa ação com amor: a vida dos sentimentos, que pode visar tanto o elemento volitivo quanto o elemento mental. Na consciência comum, vivemos em um elemento através do qual apreendemos, por um lado, o que se manifesta no nosso pensar, permeado de volição e tendente à liberdade, e pelo outro lado procuramos tornar cada vez mais pleno de pensamentos o que passa para a nossa ação. Desde tempos antigos, o que forma a ponte de ligação entre os dois é denominado *sabedoria* (vide figura seguinte).

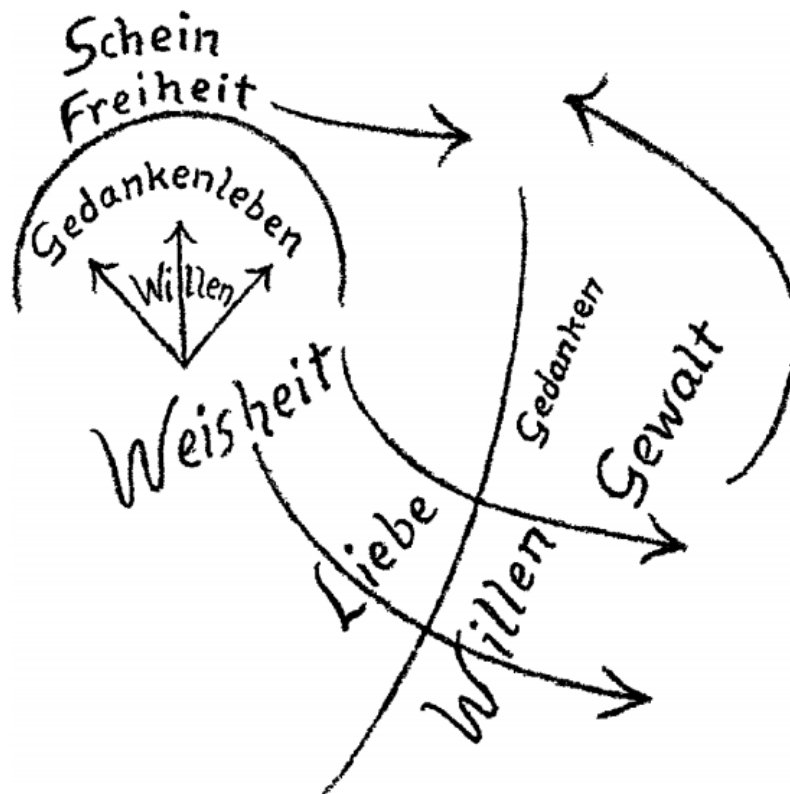
Em sua lenda da serpente verde e a flor-de-lis, com os (pag. 60) três reis – o rei de ouro, o rei de prata e o rei de bronze –, Goethe aponta para essas antigas tradições. A partir de outros pontos de vista, nós também já falamos que esses três elementos, aos quais aludia um antigo conhecimento instintivo, devem

ressuscitar numa forma totalmente diferente, mas que somente podem ser reavivados se o ser humano acolher o conhecimento da Imaginação, da Inspiração e da Intuição.

O que ocorre, afinal, quando o ser humano desenvolve a sua vida de pensamentos? Uma realidade torna-se aparência. É muito importante que tenhamos clareza sobre isso. Temos a nossa cabeça que, em sua ossificação e em sua tendência para ossificar-se, já exteriormente apresenta imagetivamente o fenecido frente ao resto da organização corpórea mais vigorosa. Levamos na nossa cabeça, entre o nascimento e a morte, o que penetra como aparência de um período primordial, quando era realidade e, do resto de nosso organismo, iluminamos a aparência com o elemento real que vem do nosso metabolismo, com o elemento real da volição. Nisso temos uma formação germinal que, a priori, ocorre no nosso elemento humano, mas possui um significado cósmico. Imaginem um ser humano nascido num ano qualquer, que antes estava no mundo espiritual; ele sai do mundo espiritual: enquanto o que existia como pensamento era realidade, agora se torna aparência; ele transfere para essa aparência a atividade volitiva que provém de uma direção totalmente diversa, que se eleva do restante de sua organização não-cefálica. Trata-se daquilo, por meio do quê o passado, que está morrendo na aparência, é novamente vivificado para a realidade do futuro por meio do que irradia da vontade.

Entendamos corretamente: O que ocorre quando o ser humano se eleva para o pensar puro, ou seja, o pensar irradiado pela volição? Nele se desenvolve uma nova realidade rumo ao futuro, com base no que a aparência dissolveu – o passado – por

meio da fecundação pela vontade que se eleva do seu Eu<sup>5</sup>. Ele é o portador do germe para o futuro. O solo nativo, por assim dizer, são só pensamentos reais do passado, e nesse solo nativo se planta o que provém do elemento individual, e o germe é enviado ao futuro para uma vida vindoura.



Tafel 19

Schein = aparência / Freiheit = liberdade / Gedankenleben = vida dos pensamentos / Willen = vontade / Weisheit = sabedoria / Liebe = amor / Gedanken = pensamentos / Gewalt = poder

Por outro lado, o ser humano desenvolve o que realiza com amor, permeando com pensamentos as suas ações, seus impulsos volitivos. Isso se desprende dele. As nossas ações não ficam

<sup>5</sup> Em alemão "Ichheit" que poderia ser traduzido por "egoidade", caso essa palavra existisse no vocabulário da língua portuguesa.

conosco. Tornam-se acontecimento universal; se forem permeadas com amor, o amor vai com elas. Cosmicamente, uma ação egoísta é algo diferente de uma ação cheia de amor. Quando, a partir da aparência, desenvolvemos o que parte do nosso interior pela fecundação da vontade, aquilo que, por assim dizer, flui da nossa cabeça para o mundo, incide em nossas ações permeadas de pensamentos. Do mesmo modo como numa planta em desenvolvimento encontra-se na sua flor o germe sobre o qual deve incidir externamente a luz do sol, o ar, e assim por diante, ao encontro do qual deve vir algo a partir do cosmo para que possa crescer; da mesma forma, aquilo que é desenvolvido pela liberdade deve encontrar um elemento de crescimento por meio do amor que vive nas ações e vem ao seu encontro (vide fig. anterior).

Assim, o ser humano se encontra efetivamente no devir do mundo, e o que ocorre dentro de sua pele e flui para fora de sua pele, como ações, não tem um significado apenas para ele, é acontecimento universal. Ele está inserido no cosmo, no processo universal. Enquanto o que nos primórdios era real, no ser humano se converte em aparência, a realidade dissolve-se constantemente, e quando essa aparência é, por sua vez, fecundada pela volição, surge uma nova realidade. Nisso os senhores têm, eu diria, como que espiritualmente apreensível aquilo que nós já dissemos a partir de outros pontos de vista. Não existe uma constância da matéria. Esta se transforma em aparência, e a aparência é novamente elevada para a realidade pela volição do ser humano. É uma quimera o que está sendo introduzido na cosmovisão física como a lei da constância da matéria e da força<sup>6</sup>, porque somente se tem em

---

<sup>6</sup> Vide Julius Robert Mayer, 1814-1878, "Bemerkungen über die Kräfte in der neubelebten Natur" (Considerações sobre as energias na natureza reavivada), 1842 em "Annalen" (Anais) de Liebig, vol. 42.

conta a concepção do mundo natural. Em verdade, a matéria fenece constantemente ao transformar-se em aparência, e algo novo nasce quando a aparência é novamente transformada em existência por meio daquilo que está diante de nós como a suprema configuração do cosmo, o ser humano.

Também podemos vê-lo no outro pólo, embora não seja tão fácil vê-lo como no caso anterior; pois os processos que acabam levando à liberdade são efetivamente perscrutáveis para um pensar imparcial, mas, para vê-los corretamente, é necessário um certo desenvolvimento científico-espiritual. Inicialmente, a consciência comum recua do poder. É verdade que ela permeia com pensamentos tudo o que se manifesta no poder, na força; mas a (pag. 63) consciência comum não enxerga que da mesma forma como aqui entra sempre mais volição, mais capacidade de julgamento no mundo dos pensamentos, ao introduzirmos os pensamentos na esfera da volição, ao exterminarmos cada vez mais o poder, mais e mais permeamos com luz dos pensamentos o que é apenas poder. Em um pólo do ser humano notamos a superação da matéria, e no outro, vemos o renascimento da matéria.

Nós sabemos – eu o indiquei sucintamente em meu livro “Dos enigmas da alma”<sup>7</sup> – que o ser humano é uma entidade trimembrada: como ser humano neuro-sensorial ele é portador da vida dos pensamentos, da vida perceptiva; como ser humano rítmico – respiração, circulação sanguínea –, é portador da vida dos sentimentos; como ser humano metabólico, é portador da vida volitiva. Mas quando a vontade está se desenvolvendo cada vez mais para tornar-se amor, como se desenvolve o metabolismo no

---

<sup>7</sup> "Dos enigmas da alma", apostila da Sociedade Antroposófica no Brasil, trad. B. Kaliks.



ser humano? Sendo um ser ativo, de modo que a matéria é, na verdade, constantemente superada. E o que se desfralda no ser humano quando este, como um ser livre, se desenvolve em direção ao pensar puro, mas que, de fato, é de natureza volitiva? Nasce a matéria. Vemos o nascimento da matéria. Portamos em nós o que faz nascer a matéria: a nossa cabeça, e portamos em nós o que aniquila a cabeça, lá onde podemos ver como a matéria está sendo aniquilada: nosso organismo motor e metabólico.

Isso significa contemplar o ser humano em sua totalidade. Vemos como aquilo que, outrossim, geralmente está sendo apreendido em abstrações no âmbito da consciência humana, participa da evolução universal como elemento real; e como o que se encontra no devir universal e ao que a consciência comum se apega de modo que não pode imaginar outra coisa senão que este seja realidade, como isso é dissolvido até a nulidade. Isto é uma realidade para a consciência comum, e se ela não conseguir nada com as realidade exteriores, (pag. 64) pelo menos os átomos devem ser uma realidade inflexível. Como não conseguimos nos livrar, com nossos pensamentos, dessa realidade inflexível, permitimos que simplesmente se misturem, uma vez desse, outra vez daquele modo. Uma vez torna-se hidrogênio, outra vez, oxigênio; estão agrupados de modo diferente, uma vez que não conseguimos senão pensar como fixo na realidade o que uma vez foi retido em pensamentos.

Não é outra coisa senão uma fraqueza mental a que o ser humano se entrega quando supõe átomos rígidos, perenes. O que se nos resulta do pensar realista é que a matéria é constantemente dissolvida até a nulidade. O ser humano fala de uma constância da matéria somente porque, quando fenece matéria, constantemente

renasce nova matéria. Ele entrega-se à mesma falácia a que se entregaria, digamos, quando vê alguns documentos sendo levados para uma casa, onde são copiados e depois queimados, e ao ver as cópias saírem da casa, ele, uma vez que viu sair a mesma coisa que havia sido levada para dentro, acredita tratar-se da mesma coisa. Em realidade, os originais foram queimados e novos documentos foram escritos. A mesma coisa ocorre no devir do mundo e é importante que se avance com seu conhecimento até esse ponto. Porque onde no ser humano fenece matéria, tornando-se aparência, e nova matéria nasce, há a possibilidade da liberdade e do amor. Liberdade e amor pertencem um ao outro, como já indiquei na minha “Filosofia da Liberdade”.

Quem falar da constância da matéria com base em qualquer cosmovisão, aniquila tanto a liberdade, por um lado, quanto, pelo outro, o amor totalmente desenvolvido. Pois somente pelo fato de o passado fenecer totalmente no ser humano, tornando-se aparência, e algo novo, que ainda é germe, surgir no futuro, é que nasce nele tanto o sentimento de amor, a entrega a algo para o qual não é empurrado pelo passado, como também a liberdade, que é uma ação a partir do que (pag. 65) não é pré-determinado. Em realidade, a liberdade e o amor apenas são compreensíveis para a cosmovisão científico-espiritual e não para uma outra. Quem tiver se adaptado ao que surgiu como concepção de mundo no curso dos últimos séculos poderá avaliar, também, quais as dificuldades a serem superadas no confronto com a mentalidade costumeira da humanidade moderna, para que esse pensar científico imparcial prevaleça. Pois na imagem de mundo científica, em absoluto não existem pontos de referência para se chegar à compreensão real da liberdade e do amor.

Na próxima vez vamos falar sobre a maneira como, em confronto com um desenvolvimento científico-espiritual da humanidade realmente progressista, deve posicionar-se, por um lado, a imagem de mundo científica e, por outro, as tradicionais imagens de mundo antigas.